

## Inteligência: A obviedade do Espírito

Na *Revista Veja*, de 04 de setembro de 2002, encontramos uma reportagem intitulada “Onde estão os bebês gênios – Filhos do banco de sêmen dos prêmios Nobel são jovens de inteligência normal”. A matéria fala sobre o multimilionário americano Robert Graham que criou um banco de sêmen. Até aí tudo bem, pois nos dias de hoje isso é normal. Mas, a diferença desse para os outros bancos é a razão de ser formado com esperma de “cientistas brilhantes, de preferência ganhadores de Prêmio Nobel”, com a esperança de se formar uma legião de crianças superdotadas.

O repórter Daniel Hessel Teich relata que, na semana anterior da reportagem, tinha sido identificada uma pessoa nascida com esperma utilizado desse banco de sêmen. Mas ela não teve o resultado esperado, pois não apresentou nenhuma genialidade.

De acordo com a *Veja*, o jornalista americano David Plotz já localizou quinze dessas crianças. Suas palavras: “Esses meninos e meninas não têm nada de bizarro ou qualquer traço que os transforme em supercrianças”.

A opinião de Vera Fehér, supervisora do banco de sêmen do Hospital Albert Einstein, em São Paulo, sobre a questão da transmissão da genialidade é: “As características físicas são, com certeza, herdadas pela criança. Quanto às particularidades como inteligência ou dotes artísticos, ninguém sabe se são transmitidas ou não”. Poderemos responder a isso, de uma maneira bem simples: a própria história diz que não. Os pais dos grandes gênios, que surgiram até hoje na humanidade, foram todos eles grandes gênios? Todos os filhos dos gênios herdaram essas características de seus respectivos pais? Para ambas perguntas, a resposta é não. Se levantássemos as características dos homens de inteligência excepcional, e as tabulássemos, teríamos comprovado, por metodologia estatística, que não há transmissão de genialidade dos pais para os filhos como uma regra geral.

Ao ler essa reportagem, lembramo-nos do colóquio do fariseu Nicodemos e Jesus, que ao ser indagado sobre o que era necessário fazer para conquistar o reino dos céus, diz ao seu interlocutor: “O que nasce da carne é carne; o que nasce do espírito é espírito”. Ora, é bem claro que o corpo físico procede do corpo. A hereditariedade prova isso de maneira incontestável, mas quanto ao Espírito não há nenhuma herança, pois os espíritos procedem do Espírito. Têm como sua origem a Divindade, isso se bem entendemos as palavras de Jesus, quando afirma: “Deus é Espírito”.

Ocorre o seguinte: se não herdamos a genialidade de nossos pais, como explicar a existência dos superdotados? Sendo Deus justo, ou seja, o que dá a um dar a todos, só encontraremos a explicação para este fato na preexistência do Espírito e na reencarnação.

Vejam a opinião da pesquisadora Hebe Laghi de Souza (1932- ), especialista em genética, sobre os gêmeos:

[...] gêmeos idênticos teoricamente deveriam possuir o mesmo genótipo e, por esse motivo deveriam ter identidade genética, apesar de nem sempre a possuírem, como verificou o geneticista Carl Bruder. Mesmo os que possuem a mesma identidade genética, isto é, que são geneticamente iguais, mostrando igualdade quanto às características físicas, podem apresentar diferenças significativas de personalidade. Essas diferenças encontradas não podem ser explicadas pelo conteúdo genético, quando esse conteúdo for exatamente igual entre os pares de gêmeos criados juntos, nas mesmas condições ambientais. As diferenças encontradas somente podem ser devidas a algo que não está na matéria, mas em algo que a transcende, e, portanto, no espírito. (*O homem descalço, as pedras do caminho*. Campinas, SP: Allan Kardec Editora, 2014, p. 296).

O repórter, ao concluir seu artigo, diz: "A ciência ainda não é capaz de garantir aos pais o nascimento de bebês mais inteligentes do que teriam naturalmente, mas estamos a um passo da clonagem de seres humanos. E sabe-se lá de que outras novidades". Nós afirmamos que a ciência nunca conseguirá transmitir por meios hereditários a inteligência de uma pessoa a outra. A clonagem, tão debatida nos dias atuais, não duplicará nada mais que corpos físicos, já que o Espírito não será clonado. Como temos tanta certeza? As próprias leis de Deus. Observe-se, que os gêmeos univitelinos, uma clonagem natural, embora fisicamente idênticos, possuem caráter, gosto, comportamento, inteligência totalmente diferentes.

Portanto, se nessa clonagem natural Deus, que tudo pode, não clonou também o Espírito, por que razão o homem conseguiria? Até quando persistiremos em ignorar a realidade do Espírito? Se a ciência deixasse de ver no homem o corpo físico como o mais importante, encontraria a nossa realidade: de que somos um Espírito habitando temporariamente um corpo.

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Set/2002.  
(revisão fev/2016 – versão 2).

(Publicado na Revista Universo Espírita, nº 06, fevereiro/2004, pág. 29).